



MALBA TAHAN. PRAZER EM CONHECÊ-LO!

Claudiomar Pinto de Oliveira

UCPel

cpo@supersul.com.br

O NASCIMENTO DE JÚLIO CÉSAR



Júlio César de Mello e Souza nasceu em 06 de maio de 1895, no Rio de Janeiro em uma família humilde de 09 irmãos. Seus pais eram João de Deus Mello e Souza e Carolina Carlos de Mello e Souza (D. Sinhá).

Ainda na infância mudou-se juntamente com a família para Queluz, cidade paulista à beira da Via Dutra, próxima ao Rio Paraíba do Sul. Neste local seu pai, funcionário do Ministério da Justiça, juntamente com d. Sinhá, professora primária, fundaram um colégio, mas que não permaneceu por muito tempo em funcionamento.

Nesta época, o jovem Júlio César, bastante religioso, iniciou uma estranha criação de 50 sapos vivos no quintal de sua casa. Um dos animais, conhecido como Monsenhor, o acompanhava aos saltos em suas andanças. Júlio mesmo depois de adulto continuou este fascínio por sapos, só que agora colecionava exemplares de madeira, metal, louça, jade, cerâmica e cristal.

Apreciava muito as rodas de contar histórias, e criava personagens incríveis, inclusive no nome, como: Mardukbarian, Protocholóski, Orônsio e outros, e esta infância interessante foi mais tarde relatada pelo seu irmão mais velho, João Batista, em seu livro “Os Meninos de Queluz”, onde fica claro já o seu gosto pela literatura desde cedo.

Júlio César aos 10 anos, foi enviado ao Colégio Militar do Rio de Janeiro, aos cuidados do irmão João Batista, que por muitas vezes duvidava da possibilidade de

aprovação do Julinho, assim a família o chamava, pois segundo o irmão ele escrevia mal e era uma negação em matemática, mas contrariando as previsões ingressou no colégio em 1906 e permaneceu até 1909, quando pediu transferência para o Colégio Pedro II.

Neste período de sua vida, o dinheiro da mesada de seu pai, era muito pouco, que mal dava para manter os estudos, não podia nem pensar em alguma despesa extra, pois até para comprar um chocolate, tinha que economizar na condução aos fins de semana. Mas ele compreendia a dificuldade de seu pai, pois tinha mais 8 filhos para manter.

Mas foi justamente nesta fase que o jovem Júlio César descobriu que tinha em mãos e na mente, uma mina para ganhar dinheiro e sanar algumas limitações a que se submetia. Pois certa vez o professor solicitou à turma uma redação, com o tema Esperança, e um de seus colegas de classe, que era mais endinheirado, mas muito fraco na escrita, pediu ao Julinho que a escrevesse para ele, e este o fez, não só uma, mas quatro e as vendeu a outros colegas. Era o começo de um bom negócio e as vendia pelo mesmo valor. O próprio Júlio César, mais tarde em seu livro de memórias, “Acordaram-me de Madrugada”, relatou: - “Na nossa turma havia uns sete ou oito que eram marginais da cola, vadios da pior marca. Pela manhã, depois do café, vendi as quatro esperanças a quatrocentos reis cada uma! Como mercador de esperanças o meu êxito, naquele dia foi espantoso”. A partir de então passou a escrever sob encomenda e vender esperanças, ódios, saudades, etc.

Por incrível que pareça o “gênio da matemática”, era quase um desastre em matemática, enquanto estava no Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro, época em que o seu boletim registrou em vermelho uma nota dois numa sabatina de álgebra e cinco em uma prova de aritmética. É de se estranhar que alguém com tão fraco desempenho, viesse a se apaixonar e trabalhar tão bem em Matemática, mas a explicação pode estar justamente naquilo que ele mais criticava na época, a didática usada pelos professores, que consistia em cansativas exposições orais, as quais ele classificou como o “detestável método da salivação”.

Mas com vocação para o magistério, concluiu o curso de professor primário, na Escola Normal do antigo Distrito Federal, e depois se diplomou em Engenharia Civil pela Escola Politécnica em 1913.

Iniciou suas atividades profissionais como servente e auxiliar interino da Biblioteca Nacional, quando teve o privilégio do acesso a muitos livros. Os primeiros passos como professor foi nas turmas suplementares do Externato do Colégio Pedro II e

depois na Escola Normal e também para crianças carentes. Quando começou a carreira no magistério, Júlio César fez curso de teatro com Procópio Ferreira e além de um professor se tornou um ator. Explorou o interesse lúdico da juventude para introduzir nas aulas, conferências e livros que escreveu uma nova didática da matemática.

Alguns depoimentos de pessoas que conviveram e presenciaram as suas aulas, afirmam que ele esteve muito além do seu tempo, e que o resgate da sua didática pode revolucionar o ensino e eliminar boa parte das repetências ocasionadas pela prática dos métodos tradicionais.

Em suas aulas, Júlio César não costumava dar zeros nos trabalhos de seus alunos, nem reprovava. Ele mesmo dizia: “- Por que dar zero, se há tantos números? Dar zero é uma tolice”. No entanto ele colocava os melhores alunos da turma para auxiliar os mais fracos e assim no meio do ano, todos alcançavam a média.

O sábio professor afirmava que o caderno deveria “refletir a vida do aluno”, e assim incentivava a organização dos cadernos, para que colassem gravuras, recortes de jornais e revistas, usando assim a ilustração na construção da aprendizagem.

Mesmo contestado pelos colegas tradicionalistas, Júlio César era carismático e encantava os seus alunos, e foi um caso raro de professor que se tornou quase tão famoso quanto um jogador de futebol, pois o exercício de suas aulas lembrava um ator empenhado em conquistar a platéia, pois mesmo escolhendo a mais temida das disciplinas, a matemática, desenvolveu uma didática própria, divertida e eficaz, que permanece respeitada e viva até nossos dias.

Júlio César ministrou aulas de História, Geografia e Física antes de se dedicar a matemática, e sua fama de pedagogo se espalhou e era convidado para dar palestras em todo o território nacional. Nestas palestras (mais de 2000), ou nas aulas que dava, ou nos livros que escrevia sempre defendeu o uso de jogos nas aulas de matemática, pois enquanto os seus colegas usavam apenas o quadro-negro e a linguagem oral, ele usava a manipulação de objetos, o estudo dirigido, enfim recorria a criatividade, além de defender veemente a instalação de laboratórios de matemática em todas as escolas.



O NASCIMENTO DE MALBA TAHAN

Em 1918, quando tinha 23 anos, Júlio César trabalhava no jornal carioca “O Imparcial”, e tentou

publicar alguns artigos seus, sempre inutilmente, quando certa vez entregou a um editor cinco contos que escrevera, mas os papéis ficaram muitos dias jogados sobre uma mesa da redação. Sem comentar com ninguém, Júlio César pegou os papéis de volta e já no dia seguinte, reapareceu no jornal, trazendo os mesmos artigos, só que agora com um novo autor, em vez de J. C. de Mello e Souza, assinava R. S. Slade, que segundo ele era um escritor americano que estava fazendo muito sucesso em Nova Iorque e que acabara de traduzir os textos. O primeiro deles A Vingança do Judeu, foi publicado imediatamente na 1ª página, e na seqüência os outros quatro, com igual sucesso.

Júlio César, com grande visão de futuro, percebeu que a solução estava encontrada, pois sabia que naquele início de século, era muito difícil que autores brasileiros conseguissem publicar qualquer coisa, pois os editores tinham medo de prejuízo.

Foi quando então, entre 1918 e 1925, Júlio César passou a estudar a língua e a cultura árabe, leu o Talmude e o Corão, pesquisou a história e a geografia do Oriente, enfim, tudo o que encontrou sobre os povos do deserto. Em 1925, achou que estava pronto e juntamente com o dono do Jornal A Noite, do Rio de Janeiro, Irineu Marinho, fundador das Organizações Globo, que aprovou a idéia e então criou o personagem Ali Izzid Izz-Eduim Ibn Salim Hank Malba Tahan, com a seguinte história de vida: - o sábio contador de histórias, Malba Tahan, nasceu em 1885, na aldeia de Muzalit, na Península Arábica, próximo a um dos lugares santos dos seguidores do Islamismo, a cidade de Meca. Ainda muito jovem, a convite do emir Abd el-Azziz ben Ibrahim, foi prefeito (queimaçã) da cidade árabe de El-Medina. Estudou em Constantinopla e no Cairo. E ao receber uma herança do pai, aos 27 anos, ficou muito rico e Malba Tahan passou a viajar, conhecendo a Rússia, a Índia e o Japão, vindo a morrer em 1921, quando lutava pela libertação de uma tribo na Arábia Central.

A maior prova de que Malba Tahan foi um fantástico criador de enredos é a sua própria biografia, porque na verdade, esse personagem famoso das arábias nunca existiu, foi imaginado por outro Malba Tahan, que de certa forma também não existiu efetivamente, pois se tratava apenas de um pseudônimo, um nome de fantasia, sob o qual assinava suas obras o fabuloso professor, conferencista, escritor, educador e pedagogo brasileiro, Júlio César de Mello e Souza.

A partir daí a vida real e fictícia se confundem, tanto que o Presidente Getúlio Vargas, autorizou Júlio César que também usasse o nome Malba Tahan em sua

carteira de identidade. Inclusive colocava carimbo de visto nos trabalhos que conferia, com o nome Malba Tahan, escrito com caracteres árabes.

Na realidade Júlio César, nunca esteve no Oriente, nunca viu um deserto e suas caravanas, nem andou de camelos, pois quando saiu do Brasil foi para visitar Montevideu, Buenos Aires e Lisboa.

Malba Tahan, em árabe, significa “Moleiro de Malba”. Sendo que Malba é um oásis e o nome Tahan (moleiro) foi tirado do sobrenome de uma aluna sua (Maria Zachsuk Tahan).

Para completar ou confundir mais, Júlio César criou um “tradutor” fictício dos “originais” de Malba Tahan, aonde seus livros vêm descrevendo como “tradução e notas do professor Breno de Alencar Bianco”.

“Contos de Mil e Uma Noites” foi o primeiro de uma série de escritos de Malba Tahan para o jornal.

Ao longo da carreira o professor Júlio César escreveu sozinho ou em parceria com outros matemáticos, os quais podemos citar Euclides Roxo, Cecil Thiré, Jairo Bezerra, Jurandy Paes Leme, Celia Moraes, Nicanor Lemgruber e Irene de Albuquerque, totalizando 48 livros diversos.

Já como Malba Tahan, editou cerca de 56 livros, sendo bastante diversificado os assuntos, desde matemáticos, didática, contos infantis e orientais, moral religiosa, teatro, contos infantis, etc.

“A Sombra do Arco-Íris” era o preferido de Malba Tahan, porém o mais famoso, já traduzido para vários idiomas e vendido mais de dois milhões de exemplares, é “O Homem que Calculava”, já na sua 52ª edição no Brasil e que relata a história de um árabe (Beremiz Samir) que utiliza a matemática para resolver qualquer espécie de problema. A obra é considerada entre os mais notáveis livros da humanidade, sendo premiado pela Academia Brasileira de Letras.

Alguns de seus livros publicados são: Aventuras do rei Baribê; A Caixa do Futuro; Céu de Alá; Lendas do Céu e da Terra; Lendas do Deserto; Lendas do Oásis; Lendas do Povo de Deus; Maktub!; Matemática Divertida e Curiosa; Os Melhores Contos; Meu anel de Sete Pedras; Mil Histórias Sem Fim; Minha Vida Querida; Novas Lendas Orientais; Salim, o Mágico, entre outros.

Em 1954, ministrou palestras no Clube Líbano, no Instituto de Educação e no Colégio Militar, em Fortaleza.

Malba Tahan editou 2 revistas: Al-Karismi (matemática, foram apenas 7 edições entre maio/1946 a julho/1947) e a revista Damião, dedicada às vítimas da lepra, os hansenianos, aos quais fazia visitas contínuas nas colônias, demonstrando amizade de cabeça aberta e sem preconceitos, pregando o reajustamento na sociedade desses doentes, e no seu testamento fez a solicitação para que no seu enterro fosse lida a última mensagem escrita de apoio e solidariedade aos hansenianos. A revista Damião ficou em circulação por 10 anos.

Júlio César ainda trabalhou como apresentador de programas nas rádios Clube, Nacional e Mairynk Veiga do Rio, e da TV Tupi (Rio) e Canal 2 (atual TVC – São Paulo).

Em 1974, foi convidado pela Secretaria de Educação de Pernambuco para ministrar 2 cursos no Colégio Soares Dutra do Recife, com os temas: A Arte de Contar Histórias e Jogos e Recreação), mas às 5h 30min, da manhã de 18 de junho, logo após uma noite de cursos, sentiu-se mal no hotel Boa Viagem, onde estava hospedado, e morreu nos braços da esposa, tendo como causa-mortis, edema pulmonar agudo e trombose coronária. Foi sepultado no Rio de Janeiro. Como não poderia ser diferente, deixou instruções para o seu enterro, pedindo para que não usassem luto pela sua morte, e citou versos de Noel Rosa, para justificar o seu pedido: “Roupa preta é vaidade/ para quem se veste a rigor/ o meu luto é a saudade/ e a saudade não tem cor.”

Parece que ainda não aconteceu o verdadeiro reconhecimento a este grande matemático, pois em 1995, ano do centenário de seu nascimento, apenas duas revistas o lembraram. É uma personalidade citada em quase todas as palestras ou conferências, onde sempre é frisado o seu trabalho precursor daquela nova tendência, que hoje se afirma com vigor e tem adeptos em todo o país: a Educação Matemática. Pois este trabalhou com a História da Matemática, defendeu com todas as forças a resolução de problemas sem a utilização mecânica de fórmulas, valorizando o raciocínio. Criou e utilizou atividades lúdicas para o ensino da matemática. Tinha uma maneira especial de integrar as disciplinas, hoje conhecidas como interdisciplinaridade, sendo citado por vários pedagogos internacionais.

Malba Tahan ocupou a cadeira 8 da Academia Pernambucana de Letras, hoje também empresta o nome a uma escola no Rio de Janeiro, estado que instituiu o dia 06 de maio, como o dia do matemático, em sua homenagem.

Júlio César exerceu os cargos de catedrático na Escola Nacional de Belas Artes, catedrático na Faculdade Nacional de Arquitetura e catedrático no Instituto de Educação do Rio de Janeiro (ex-Escola Normal do R.J.).

Mas o próprio Júlio César viveu sem dar-se conta do patrimônio cultural que construiu. Certa vez em um depoimento ao Museu da Imagem e do Som, confessou-se arrependido de não ter seguido a carreira militar, conforme queria seu pai. “- eu estaria hoje marechal, calmamente de pijama, em casa. Não precisava estar me virando na vida.”

O certo é que tanto Júlio César, quanto Malba Tahan continuam vivos hoje, através de suas idéias.

Palavras Chave: Biografia, Didática-Matemática e Curiosidades

BIBLIOGRAFIA¹

- ENCARTA, Enciclopédia Microsoft. Microsoft Corporation. 1993 -1999.
- JORNAL Leitura, SP. 1991. Depoimento de Mello e Souza ao Museu da Imagem e Som.
- Revista Nova Escola. Ed. Abril. Setembro/1995.
- TAHAN, Malba. *Lendas do Céu e da Terra*. Rio de Janeiro: Record. 2000. 108 páginas. 24ª edição.
- _____. *Lendas do Deserto*. Rio de Janeiro: 2001. 153 páginas. 19ª edição.
- _____. *Lendas do Oásis*. Rio de Janeiro: Record. 1999. 154 páginas. 2ª Tiragem
- _____. *Maktub!* Rio de Janeiro: Record. 2000. 90 páginas. 16ª edição.
- _____. *Matemática Divertida e Curiosa*. Rio de Janeiro: Record. 2001. 158 páginas. 15ª edição.
- _____. *Mil Histórias Sem Fim*. Volume 1. Rio de Janeiro: Record. 2000. 117 páginas. 21 edição.
- _____. *Mil Histórias Sem Fim*. Volume 2. Rio de Janeiro: Record. 1995. 123 páginas. 15ª edição.

¹* Bibliografia, que também será usada durante a realização do mini-curso.

_____. *O Homem que Calculava*. Rio de Janeiro. Record: 2000.
224 páginas. 52ª edição.

_____. *O Livro de Aladim*. Rio de Janeiro: Record. 2001.190
páginas.

_____. *Os Melhores Contos*. Rio de Janeiro: Record. 2002. 204
páginas. 17ª edição.

www.champ.pucrs.br/matema/malba_tahan.htm

www.clinicadematemtica.com.br/tahan.htm

www.deborahvaried.hpg.ig.com.br/malba.htm

www.geocities.com/g10ap/matematicos/mat27.htm

www.iis.com.br/~mribeiro

www.matematicagospel.sites.uol.com.br/malba_tahan.html

www.necad.nece.br/mt/